

## O coletivo docente continua a acreditar

[Entrevista realizada no âmbito de uma tertúlia de professores promovida pela PÁGINA – reportagem ‘Olhares sobre a Profissão’]

### **Sente que a profissão docente está envelhecida?**

Sinto, e a minha experiência nos últimos anos, de visita a várias escolas, denota isso. O mais grave é que não têm grande esperança de futuro, porque só uma cultura intergeracional pode criar uma perspectiva e uma esperança, apostando efetivamente naquilo que a educação pode – e a educação não pode tudo, como dizia o Paulo Freire, mas pode muita coisa. O que aconteceu à profissão docente nos últimos dez anos, o desgaste que os diferentes contextos levaram para a escola e o facto de o professor ter tido uma multiplicidade de papéis – nos quais alguns se revêm, mas outros entendem que deveria haver outras profissões na própria escola –, tudo isto denota o desgaste e as pessoas pensam que já não têm força nem capacidade para fazer. Os professores viram que não havia ninguém na retaguarda, a quem passar o testemunho, e sentem a sua impotência, a sua menorização e o seu desprestígio (também social) em relação àquilo que tinham almejado para a sua profissão. Ou seja, são as diferentes circunstâncias negativas que caíram sobre a profissão docente.

### **As condições de trabalho podem causar inquietação?**

Há muitos estudos sobre o desgaste, o mal-estar, o burnout na profissão docente. Mas acho que o pior que aconteceu à profissão foi exatamente não ver o futuro e o testemunho a passar para os mais novos. Porque acreditamos que a educação e a cultura são os pilares fundamentais da sociedade e que nós construímos uma escola democrática. Aquilo em que acreditámos foi uma realidade no contexto nacional: a massificação, a democratização e tentar que a escola fosse democrática e solidária, que não deixasse ninguém de fora; apesar de ser transbordante em termos de multiplicidade de funções, como diria António Nóvoa, a escola acolheu a diferença. E valorizou-a. No início ela teve dificuldade em conviver com essa diferença, porque apercebeu-se que nós, os professores, éramos diferentes, diversos, mas que cada um dos garotos era irrepitível e único também. Acho que pusemos em prática aquilo que sonhámos, mas, sobretudo a partir de 2005/2006, começámos a ver ruir e a não ver o futuro a construir-se dentro da própria escola democrática. Acho que, por exemplo, a gestão democrática foi uma das machadadas que os professores viram acontecer e que, de facto, não estava nos seus horizontes. Nós acreditávamos que o espírito e as conquistas de Abril continuavam a manter-se, mas nos últimos anos vimos que as coisas começaram a denegrir-se.

### **Como se pode fazer a passagem de testemunho, para uma melhor dinâmica entre gerações?**

Nós fomos treinados, formados e ensinados numa cultura individualista. Com o 25 de Abril, entendemos que a igualdade de oportunidades era um caminho a almejar e tínhamos de criar oportunidades para isso, porque não é a mesma coisa trabalhar no interior ou em escolas que têm todas as condições. E apesar de algumas dessas fragilidades terem sido atenuadas, muitos dos contextos mantiveram-se. Ainda assim, acreditámos que era possível concretizar aquilo que almejávamos: igualdade, liberdade, justiça social e melhores condições de vida para todos. E aqui, não tenhamos dúvidas, a escola foi um ascensor social terrível, no bom sentido da palavra – ajudou, efetivamente, muitas famílias, muitas crianças a terem acesso àquilo que jamais pensavam que teriam.

O acesso e algum sucesso educativo criou também uma sinergia muito grande entre quem chegava à escola e quem já tinha alguma experiência dos ideais defendidos pelo 25 de Abril. E esta chama manteve-se até a um passado relativamente recente. Daí que eu achava que os mais velhos aceitavam perfeitamente que a vinda dos mais novos significava sangue novo em termos curriculares e de trabalho colaborativo dentro dos grupos profissionais. Por outro lado, começámos a ver que a comunidade educativa se começou a abrir. A partir do início do século XXI, acreditámos que o apoio à família, por psicólogos e por outros atores que começaram a entrar na escola, começava a transformar a comunidade escolar numa comunidade educativa. Havia uma participação muito maior e um trabalho colaborativo desenvolvido na relação escola-família-comunidade.

### **Neste momento, o coletivo está fortalecido ou não?**

Acho que tem algumas fissuras, mas é um coletivo que continua a acreditar. E a prova é que os professores começaram a ter consciência de que são um elemento imprescindível na vida da sociedade. Não desvalorizam qualquer outro tipo de profissão, mas acreditam que a educação e a cultura são, efetivamente, pilares fundamentais da sociedade.

### **Há motivos para desesperança relativamente ao futuro?**

Acho que houve algumas desesperanças, nomeadamente quando tocaram em aspetos que as pessoas interiorizaram. Simplesmente foram envenenados pela relação que se criou quando os professores foram minorizados e desprestigiados, com o problema da avaliação e o problema da progressão ao nível das carreiras. E o trabalho da supervisão e outros, que podiam ser ótimos em termos de trabalho colaborativo, foram envenenados por haver um aproveitamento político da menorização dos professores.

### **Quais os desafios para o futuro?**

Continuo a acreditar que os desafios estão dentro da própria escola, mas também fora dela, ou seja, com uma consciência cívica maior, com a valorização do trabalho docente e também com o levar a pedagogia social e outros atores sociais para dentro da escola. Porque, afinal, a escola não é mais do que o reflexo da própria sociedade. E muitos dos problemas que se vivem hoje dentro da escola estão a montante. Portanto, o trabalho educativo é um trabalho de todos, mas os docentes podem ter aqui um papel fundamental, uma vez que, através do seu exemplo, através da relação que estabelecem com os garotos, podem ser, e devem ser efetivamente, o fermento de uma sociedade mais livre e democrática.

*Maria João Leite*